

# LEITORES COM HISTÓRIA

*Ruben Andresen Leitão*

Ao lado da calma, da distante, e ao mesmo tempo tão presente Sophia, encontrávamos o fogo, irrequieto, revolucionário Ruben A. Miguel de Rio Branco in O Mundo de Ruben A.[org.] Liberto Cruz, José Brandão, Nicolau Andresen Leitão. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 142.

Ruben Andresen Leitão (1920-1975), conhecido literariamente por Ruben A., foi um dos escritores portugueses mais ecléticos e originais da segunda metade do século XX. De entre as várias obras ficcionais, ensaísticas e de pendor historiográfico de que é autor, sobressai a sua aclamada autobiografia em três volumes “O Mundo à Minha Procura” (publicada entre 1964 e 1968) e o romance “A Torre de Barbela” (editado em 1964), narrativa surrealista e linguisticamente irreverente. Foi também uma das personalidades mais cosmopolitas do meio cultural português, característica que de certa forma o individualizou num país tradicionalmente afastado dos grandes centros europeus de irradiação cultural. Antes de se fixar em Londres no imediato pós-guerra, onde deu aulas na Universidade de Londres até 1952, tivera ocasião, em vésperas da Segunda Guerra Mundial e ainda muito jovem, de viajar sozinho pela Alemanha, Áustria e Hungria, uma experiência complexa e não isenta de perturbação. Depois, durante o período que passou em Londres, viajou até aos Estados Unidos da América, por França, Itália e Espanha e, já na década de 60, visitou o Brasil e demorou-se no Próximo Oriente.

Não obstante esta irrequieta alma de viajante, Ruben Andresen Leitão manteve sempre uma forte ligação a Portugal, envolvendo-se empenhadamente na divulgação da história, no desenvolvimento cultural e na defesa e conservação do património do país. E nesta geografia afetiva é difícil dizer com rigor a que parte do território mais se encontra ligado. Apesar de nascido em Lisboa, não há dúvida de que o norte de Portugal teve para ele sempre um significado muito especial: passou parte da infância na Quinta do Campo Alegre, no Porto, onde brincava com a sua prima direita Sophia (a poeta Sophia de Mello Breyner Andresen), um tempo familiar do qual guarda gratas recordações. Já na idade adulta, chegou a construir uma casa de verão no Alto Minho, onde passava largas temporadas em ambiente de grande convivialidade.

A sua capacidade para apreciar e viver intensamente um lugar não era, porém, exclusiva ao norte do país. Desde criança que se acostumara a vir de férias para Cascais, vila onde em finais do século XIX o avô mandara construir um chalet – o chalet Leitão –, ainda hoje um dos exemplares da arquitetura de veraneio mais emblemáticos do concelho. Os tempos passados em Cascais, com todos os atrativos associados – o Guincho, o Estoril e até o campo de futebol do Carcavelinhos – são evocados de forma luminosa e bem-humorada nas páginas da sua autobiografia, associados que estão a uma parte vibrante da sua adolescência e juventude. Uma vivência que se intensifica a partir de 1939, ano em que a família se instala novamente em Lisboa e Ruben acrescenta às férias grandes passadas em Cascais também os fins de

semana, tempos que serão sinónimo de boémia juvenil, de amores de praia, de muitos divertimentos na praia do Guincho e no Estoril.

Viviam-se então os últimos anos da Guerra Civil de Espanha e os primeiros da Segunda Guerra Mundial, anos em que Cascais e sobretudo o turístico Estoril foram surpreendidos no seu quotidiano por uma enorme concentração de estrangeiros, entre refugiados e viajantes em contexto de guerra, que nunca como até então fizeram da região ponto de encontro de múltiplas nacionalidades e diferentes formas de estar. Ainda com a memória fresca da viagem realizada à Alemanha, Ruben Andresen Leitão tinha, por assim dizer, oportunidade de testemunhar em Cascais uma das consequências do perigoso momento que entrevira em 1938 e que resultara numa guerra de dramáticas proporções. Mas, para já, a juventude e a ânsia de divertimento levavam a melhor, sendo as recordações mais dignas de registo as que resultavam de episódios vividos no ambiente único e intenso que só uma estância como a Costa do Sol naquele tempo preciso podia proporcionar.

Mesmo que dominado pelo que o próprio apelidou de “inconsciência de viver”, a verdade é que durante este mesmo período projetavam-se já no jovem Ruben, aspirante a estudante universitário, as sombras de uma preocupação aguda com o que o futuro lhe reservava. Não fora propriamente um aluno brilhante e avizinhavam-se as provas de aptidão às Faculdades de Direito e de Letras de Lisboa, para as quais precisava de se preparar convenientemente. É assim que por esta mesma altura irrompe na sua vida a extraordinária figura de Agostinho da Silva, de quem passa a receber aulas particulares, numa altura em que as explicações eram o principal esteio de sobrevivência deste filósofo e intelectual olhado com desconfiança pelo regime (seria preso pouco depois, em 1943, seguindo depois para um longo exílio na América Latina). E o convívio com esta personalidade, alfobre de uma enorme erudição e energia contagiante, mudaria profundamente o jovem e diletante Ruben: “que fenómeno, este tipo, aparecia no fim da tarde para nos ler Horácio, César, Tito Lívio, Virgílio e tantos outros heróis latinos de que até à data eu sentira nojo... Trazia mais livros, deixava-os ficar, como quem deixa ficar maço de cigarros para tentar o vício. Depois contava histórias”.<sup>1</sup>

A metodologia de Agostinho da Silva, recordada pelo discípulo Ruben Andresen Leitão na sua autobiografia, parece ter resultado e o temível “vício” irremediavelmente inoculado. Se até aí não quisera propriamente saber de estudos ou de leituras (à exceção de jornais), começou a ler e a comprar livros, não necessariamente dos mestres clássicos em que Agostinho da Silva insistia (era licenciado e doutorado em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras do Porto), mas fundamentalmente de autores nacionais, franceses e ingleses. Rimbaud, Paul Valéry, Paul Éluard, Marcel Proust, e também Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, são escritores que o agora recetivo Ruben Andresen Leitão começa a ler com atenção e fascínio, entrando aqui a influência do seu amigo cascalense Manuel Torre do Valle, que, diferenciando-se nesse aspeto dele e dos seus companheiros de farra, lia, dizia coisas que o espantavam e... tinha biblioteca! Em simultâneo, alheio às diversões do seu explicando, com persistência e regularidade, Agostinho da Silva continuava a introduzir Ruben e os seus outros explicandos a mais e consagrados autores: Rabelais, Rousseau, Dickens, Voltaire. Daqui resultou que áreas

---

<sup>1</sup> O Mundo à Minha Procura, vol. 2., pp. 95-96.

como a história e a literatura se foram tornando para Ruben Andresen Leitão referências cada vez mais indispensáveis, começando a influenciar a direção do seu caminho futuro: a opção por Letras em vez de Direito e a construção da vontade de ser escritor, em paralelo à ambição de prosseguir uma carreira de homem com intervenção na sociedade.

Podemos supor com alguma razoabilidade que foi essa nova apetência pela leitura que caracteriza também os tempos passados em Cascais que motivou Ruben Andresen Leitão a finalmente subir a avenida e a franquear a entrada daquela que era então a principal instituição cultural do concelho, situada a dois passos do chalet de família: o Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães. Este Museu-Biblioteca, inaugurado em 1931 em resultado do ato benemérito de Manuel Castro Guimarães, que legara ao povo de Cascais, para usufruto público, o seu palacete, respetivo recheio e parque envolvente, tinha precisamente, como a própria designação sugere, uma biblioteca. A coleção da biblioteca era constituída pelo acervo reunido pelo conde ao longo da sua vida, obras de pendor erudito e patrimonial, à qual entretanto se somara, por deliberação do executivo municipal, o acervo da biblioteca municipal (que até então funcionava nas instalações da Câmara) e algumas – poucas – posteriores aquisições, fundamentalmente na área da história da arte.

Ruben Andresen Leitão inscreveu-se como leitor da biblioteca do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães a 12 de fevereiro de 1941.<sup>2</sup> Não sabemos se terá aí encontrado os títulos que procurava ou se dela tirou benefício. Apenas dispomos de uma certeza: que lá poderá ter consultado alguns clássicos, mas não edições modernas ou obras dos autores pelos quais se agora se interessava como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Paul Valéry ou Paul Éluard. O motivo é conhecido: a modernização da coleção da biblioteca só veio a ser empreendida por Branquinho da Fonseca, escritor e um dos fundadores da célebre revista “Presença” que, em Cascais, metódica e persistentemente, operaria uma verdadeira transformação das condições de acesso ao livro e à leitura, com a implementação do empréstimo domiciliário e, mais tarde, da biblioteca itinerante. Sucede que Branquinho da Fonseca (diretamente responsável pela inclusão na biblioteca de obras de Pessoa e Sá-Carneiro, por exemplo) apenas foi nomeado responsável deste Museu-Biblioteca em janeiro de 1942, já Ruben Andresen Leitão tinha deixado Cascais por ter recebido entretanto guia de marcha para o Centro de Instrução de Infantaria de Penafiel. A história também se faz de desencontros!

No verão de 1941, chegava ao fim uma fase da vida de Ruben Andresen Leitão. Aos tempos da alegre folia e de descoberta interior passados na “corte de Cascais”, suceder-se-iam, depois do parêntesis militar, a vida universitária em Coimbra, um breve momento de impasse profissional e a imersão na grande cultura em Londres, em 1947. Publicaria o primeiro dos seus livros em 1949. Ruben A. perfilava-se no horizonte.

Cristina Pacheco

Cascais, 1 de novembro de 2013

---

<sup>2</sup> Livro de Registo de Leitores do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães 1930-1956. AHMC/A-1/R-A/015/Cx. 1/Lv.1.

Bibliografia essencial:

- CONRADO, Júlio - Lugares de Cascais na Literatura 2ª ed. rev. e aumentada. Lisboa: Hugin, 2001.
- CRUZ, Liberto e CRUZ, Madalena Carretero – Ruben A. Uma biografia Lisboa: Editorial Estampa, 2012.
- HENRIQUES, João Miguel e PACHECO - Branquinho da Fonseca. Um Escritor na Biblioteca Cascais: Câmara Municipal, 2012.
- LEITÃO, Nicolau Andresen, CRUZ, Liberto e BRANDÃO, José [org.] – O Mundo de Ruben A Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.
- Ruben A – O Mundo à Minha Procura: autobiografia [Lisboa]: Livraria Portugal, 1964-1968, 3 vol.